

nwa





RESENHA



RESENHA

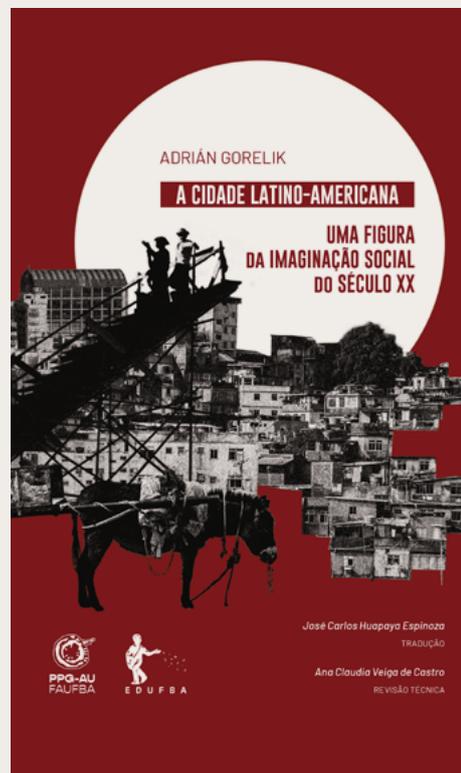
Livro

*A cidade latino-americana:
uma figura da imaginação social do século XX*

Adrián Gorelik

“A cidade latino-americana: uma figura da imaginação social do século XX”, de Adrián Gorelik

Ana Claudia Scaglione Veiga de Castro
Universidade de São Paulo



A rapidez com que se traduziu o livro *La ciudad latino-americana: una figura de la imaginación social del siglo XX* (A cidade latino-americana: uma figura da imaginação social do século XX, em tradução livre), lançado em 2022 na Argentina pela Siglo Veintiuno, e aqui em 2024 pela Editora da Universidade Federal da Bahia, é reveladora da presença de seu autor, Adrián Gorelik, no debate sobre as cidades e a arquitetura no Brasil. A agenda de pesquisa percorrida no volume foi pela primeira vez apresentada num seminário de história intelectual na Universidade de São Paulo e publicada como o artigo “A produção da ‘cidade latino-americana’” na revista *Tempo Social* em 2005. Naquele texto, o autor indicava seu rol de preocupações, tomando para si a tarefa de destrinchar as relações entre agentes, instituições, política e crítica urbana que teriam ocorrido na América Latina entre 1950 e 1970 e que tiveram na categoria “cidade latino-americana” uma “bomba de sucção” a mobilizar tudo e todos. No prólogo desta edição brasileira, Gorelik nomeia outros momentos em que seus argumentos puderam ser testados, debatidos e revisados, num contato constante e frutífero com a academia brasileira, recuperando um itinerário acadêmico-afetivo por Belo Horizonte, Rio de Janeiro, Brasília, São Carlos e São Paulo, reforçado agora por Salvador.

Após publicar muitos estudos sobre Buenos Aires (entre os quais, o importante livro *La grilla y el parque*), se debruçar sobre o fenômeno urbano mais moderno do continente (Brasília) e se interessar por intelectuais que pensaram a América Latina como uma unidade cultural (José Luís Romero, Richard Morse e Angel Rama), em ensaios publicados na Argentina, no Brasil e em outros lugares, era chegada a hora do arquiteto e historiador se lançar, ele mesmo, nessa aventura latino-americana.

RESENHA

Definindo o debate urbano num arco temporal privilegiado, ele reconhecia no artigo de 2005 certas tendências entre uma primeira fase “desenvolvimentista” e “modernizadora” e um segundo tempo, “dependentista” ou mesmo “revolucionário”. Tratava-se, portanto, de reconstruir esse percurso do pensamento, apresentando de que maneira ele se deu, ancorando as ideias no chão firme das instituições e realizações que uma miríade de intelectuais, especialistas, políticos e até mesmo artistas protagonizaram.

Nesse livro que ora vem à luz, Gorelik redefine o recorte temporal em função do seu problema de pesquisa, a cidade latino-americana como construção cultural, e reconhece a produtividade dessa figura da imaginação social entre as décadas de 1940 a 1970 para retomar o esquema, projetando suas análises a partir de alguns prismas: as ciências sociais, o planejamento urbano, a arquitetura e a crítica cultural, todos eles vinculados ao urbano. O esquema é engenhoso e permite se aprofundar nas discussões ao longo da leitura.

Já no Prólogo – uma espécie de “diário de bordo”, roteiro de viagem oferecido ao leitor para guiá-lo nessa odisseia pan-americana e transatlântica –, a hipótese geral é apresentada e o recorte temporal explicitado: em um momento em que a América Latina se transforma de rural em urbana – *da aldeia à cidade*, para retomar uma expressão-chave na economia do livro –, os termos desenvolvimento, modernização e urbanização passam a ser vistos como intercambiáveis, e as cidades, convertidas em ponta de lança da transformação. É a partir delas que uma certa consciência regional se estabelece, levando à construção de uma série de agências, organismos, instituições, das quais a mais famosa é a CEPAL (Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe), que emerge no pós-guerra diante da reorganização geopolítica do mundo, com sede em Santiago, e que se tornará imediatamente um dos polos fortes dessa construção cultural.

Gorelik deixa claro o modo como quer mobilizar os estudos de caso, enfrentados ao longo dos capítulos não como “casos representativos”, mas como “nós de imaginários e debates transnacionais que foram assumidos como latino-americanos”. Assim, elege episódios (alguns mais, outros menos) conhecidos da história urbana e do pensamento social latino-americanos, cujas forças centrífuga e centrípeta lhes permitiram atrair, combinar, recombinar e difundir ideias, sujeitos e práticas – e que levaram os “estudos urbanos” a serem substituídos ao final do ciclo pela ideia de uma “cultura urbana”. Para o leitor brasileiro, encontrar-se com personagens e episódios conhecidos da nossa historiografia nessa perspectiva regional e global ativa memórias e auxilia a deslocar compreensões assentadas.

“O ciclo da cidade latino-americana” é o título da Abertura (a rigor, primeira de quatro partes), onde o problema da investigação é colocado, o percurso é desenhado, afirmando-se a perspectiva de um ciclo com duas fases. É aqui também que o lugar dos Estados Unidos se apresenta na reflexão – esse “outro” da América Latina (eles mesmos, vale notar, assombrados pelo seu “outro”, a União Soviética, que fulgura espectralmente no debate) – e que ao longo da leitura surgem em muitos momentos como espaço de contraponto e de difusão, de financiamentos, de especialistas, de imperialismo e de visões políticas. Funcionando como uma dobradiça entre as duas Américas, Porto Rico, espaço fundamental para a tese que o livro carrega, é apresentado de saída como um

território de prova, onde políticas, ideias, propostas foram formuladas para poderem ser retomadas posteriormente, muitas vezes alterando-se seus sentidos e promessas.

Em seguida, na primeira parte, “Pelo caminho da etnografia”, que leva a discussão pelo prisma das ciências sociais e do enfrentamento dos temas da *vivienda*, uma série de episódios decisivos são apresentados em cinco capítulos densos, reconstruindo e reafirmando o ciclo do pensamento por meio de miradas distintas. Aqui, quero destacar o capítulo quatro, que o autor nomeia “Interregno [semi]rural”, focalizando o Cinva, esse Centro Interamericano de Vivienda que surge em Bogotá em 1951 por iniciativa da OEA (Organização dos Estados Americanos) como fruto de um intenso debate anterior e da presença de intelectuais norte e latino-americanos em postos-chave nas instâncias decisórias. Essa instituição, que até pouco tempo atrás não era quase referenciada nos debates brasileiros do planejamento, vem sendo hoje revisitada por uma série de pesquisadores brasileiros e colombianos (como mostra a recente publicação na Colômbia do livro *Cinva: un proyecto latinoamericano 1951-1972*), contribuindo para o reconhecimento da importância de seus arquivos, que apenas no ano passado seriam reunidos e incorporados ao Arquivo da Universidade Nacional da Colômbia, permitindo novas investigações daqui em diante.

“Sob o signo do planejamento”, a segunda parte, reúne outros cinco capítulos que percorrem novamente o ciclo alternando os pontos de visão. Recuperando formas de ordenamento territorial, como foi o caso dos planos de bacia na Argentina e no Brasil, inspirados no importante episódio da TVA (Tennessee Valley Authority) rooseveltiana, mas podendo se “desviar” por Brasília e sua arquitetura – tema caro ao autor que em alguns ensaios apaixonados analisou esse episódio síntese do movimento moderno, desde seu texto publicado no livro *Das vanguardas à Brasília* (2005) –, chega-se aos episódios pré e pós revolucionários de Santiago e Cuba, numa América Latina que ousou pensar e viver com autonomia e dignidade. Mais uma vez, não se trata de repassar a história da arquitetura e do urbanismo no nosso continente, mas sim de, por meio de episódios escolhidos com inteligência crítica, recolocar o argumento, demonstrando a produtividade da questão para o surgimento de um pensamento emancipador em um mundo dividido e indicando também seus entraves e limites.

No Encerramento, quarta e derradeira parte chamada de “Companheiros de viagem”, o autor avança na crítica urbana e nos avatares de uma crítica cultural que foi se constituindo ao longo desse ciclo latino-americano, nos embates entre as ciências sociais e a história. Aqui, Gorelik deixa transparecer o fascínio por três intelectuais, Morse, Romero e Rama (um norte-americano, um argentino e um uruguaio), que, por suas afinidades eletivas, ganham na leitura certo ar de família, a despeito de suas inúmeras diferenças, e permitem ao autor indicar os limites daquela perspectiva sociológica e cientificista, além da retomada culturalista em um mundo em transformação intensa que logo viveria o fim do socialismo real e os avanços do chamado neoliberalismo.

Empreendimento de fôlego e obra de maturidade, esse livro, que toma a metáfora da viagem como guia, nos permite avançar em uma floresta densa por novas sendas (algumas mais largas e já percorridas, outras, estreitas e menos visitadas), fornecendo para os pesquisadores um mapa de

RESENHA

caminhos para novas investigações. Elaborado com o apoio da bibliografia produzida localmente em cada país mencionado, a obra mobilizou centenas de teses e livros lançados nos mais variados países (além do contato com centros internacionais de pesquisa e os olhares latino-americanistas que ali também se forjaram), que são o alimento dessa tessitura intelectual monumental, verdadeiro *tour de force*, tendo também o suporte da pesquisa em arquivos institucionais em três continentes. Evidentemente o tema não se esgota, antes se apresenta e convida a outras leituras e novos debates. Conhecendo o autor, é isso mesmo que ele tinha em mente.

Referências

GORELİK, Adrián. **A cidade latino-americana: uma figura da imaginação social do século XX**. 1. ed. Salvador: EDUFBA, 2024.

COMO CITAR

CASTRO, Ana Claudia Veiga de. “A cidade latino-americana: uma figura da imaginação social do século XX”, de Adrián Gorelik. *RUA: Revista de Urbanismo e Arquitetura*, n. 11, p. 166-171, 2024.